



Desig

Josep M. Benet i Jornet

Desejo

Da penumbra destaca-se apenas o rosto de um homem.

O HOMEM Esta tarde, de novo uma tarde maravilhosa.

E o frio húmido nos ossos.

Frio, é formidável saber que está frio. Saber.

Sem cachecol.

O céu espesso, sólido, como se estivesse para cair.

Não são aquelas nuvens de formas imponentes... Ainda me lembro, chamávamos-lhes nuvens wagnerianas.

Aquelas nuvens que avançavam na nossa direcção, naquela tarde, faz agora, trinta anos?, há quase trinta anos atrás.

Uma lembrança tua.

O céu desta tarde, tão diferente. Igualmente maravilhoso, também. Ou mais.

Vê-lo assim, o teu dom.

Cachecol, ou melhor, camisa interior.

Sempre sem camisa interior.

Andar sem camisa interior já não quer dizer que sejas jovem, mas se não a usares o frio entranha-se melhor nos ossos.

Avançam as nuvens... Que pureza.

A estrada molhada, o matagal, a morrinha que pára e logo recomeça, o céu fechado: a beleza.

A beleza sem desculpas que ainda se pode, ver, sentir, cheirar... Que não há-de durar.

O Paraíso não há-de durar.

Entregue às trevas exteriores, lá onde não há nada.

Nem mesmo dor ou saudade.

Ainda não. Por agora, não. Estar aqui.

Aqui, à espera.

Agora, o teu trabalho.

Aproveitar tudo. A mania de não desperdiçar uma migalha sequer.

Aproveitar este ventinho gelado que me entra pelo pescoço.

Aproveitar-se de uns pés inchados, dumas mãos dormentes.

Aproveitar que ainda haja uma tarefa por acabar: ajudá-la.

Que o consiga.

Talvez depois contar-lhe o teu dom, mas não vai haver tempo.

O asfalto molhado brilha só para ti.

Desde o dia, tinhas recebido o dom há pouco tempo, desde o dia em que voltou a encontrar aquela cara.

Desde aquele dia não há mais nada.

Tanto lhe faz.

Às vezes, febril, de repente envergonha-se.

Pegas-lhe na mão, dás-lhe ânimo, força para avançar.

Porque não? Assim há um trabalho a fazer.

Ao longo desta tarde maravilhosa, destes fabulosos últimos dias.

Perante o dom, um trabalho, este consolo.

Um consolo instável, que no entanto te permite estar aqui, quase feliz nesta tarde avara.
O dom que faz entender esta tarde avara.
Entender por fim a cor plúmbea do céu, o estremecer do matagal, a dureza do asfalto...
Entender, sobretudo, este frio húmido que se entranha nos ossos, que estremece o teu corpo doente.
A doença.
A condenação que aguça os sentidos, que permite entender, que permite estar aqui, paciente e expectante. Que ainda não impede de ouvir os barulhos que mais se esperam.
Que ainda... diria que... que ainda me permite ouvir o barulho de um carro que se aproxima, primeiro ao longe, apenas um leve sussurro, e depois, a seguir, um rugido cada vez mais forte, dissolvendo o pânico, pelo menos por um instante, que me impele ao trabalho, a resolver a espera, a tentar de novo.
Pode ser que passe esta tarde, que passe durante esta tarde maravilhosa.
Pode ser.
Estou-lhe a fazer sinais.
E sim, o carro pára.

Translated by Ângelo Ferreira de Sousa